



Vozes do turismo: incursões disciplinares e relatos de experiência

de Izabel Cristina Augusto de
Souza Faria e Vera Lúcia Bogéa
Borges (Orgs.)

Editora Multifoco (2015)

Thiago Allis < thiagoallis@ufscar.br >

Professor Adjunto II, Universidade Federal de São Carlos(UFSCar), Campus Sorocaba, SP, Brasil

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebido 24-jul-2015

Aceite 27-nov-2015

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

ALLIS, T. Vozes do turismo: incursões disciplinares e relatos de experiência - de Izabel Cristina Augusto de Souza Faria e Vera Lúcia Bogéa Borges (Orgs.) Resenha de livro. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 15 n. 3., p.410-413, dez. 2015.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Da Urca para o mundo: reflexões e vivências turísticas

Em junho de 2015, veio a público a coletânea “Vozes do Turismo: incursões disciplinares e relatos de experiência” (Ed. Multifoco, 320 páginas), organizado pelas professoras Izabel Cristina Augusto de Souza Faria e Vera Lúcia Bogéa Borges, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A obra envolveu mais de 20 autores, entre docentes da Escola de Turismologia, profissionais de turismo, egressos e discentes. O evento de lançamento aconteceu no Espaço Multifoco, na região central do Rio de Janeiro, como parte da programação do “Colóquio Turismo e Cidades”.

O livro é resultado das atividades do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Turismo e Cidades (INTERTUR), criado em 2014, e apenas por isso já acumula méritos, afinal, em somente dois anos, conseguiu estimular, reunir e coordenar múltiplas vozes e olhares sobre o turismo, que, antes de nada, demonstram um esforço de integração no âmbito da própria instituição. A amplitude de temas e entradas – consoante à formação e trajetória dos autores – sugere que estamos diante de um livro-processo, mais do que um livro-resultado, que se divide em duas partes: “Incursões disciplinares” e “Relatos de Experiências”.

Na primeira parte (“Incursões Disciplinares”), composta por onze capítulos, mais de 20 autores discutem temas que lhes são caros, atraentes e familiares, navegando por discussões que expõem uma tarefa coletiva para tratar questões contemporâneas do turismo, com alguma ênfase (sem ser exclusiva) à urbanidade carioca: políticas públicas e mobilidades turísticas, história e patrimônio, imagem e promoção de destinos.

Vários capítulos destacam as práticas e possibilidades para o turismo no Rio de Janeiro (cidade e Estado) por seus aspectos naturais e (o ecoturismo no Parque da Catacumba, região anteriormente ocupada por uma favela, ou o aproveitamento do patrimônio ferroviário no Parque Estadual dos Três Picos, como o antigo traçado da ferrovia ou a disposição de elementos arquitetônicos ao longo do passeio) e também urbanos (as representações da Lapa nos discursos literários, o turismo cultural nas áreas centrais – especialmente questões do Programa Monumenta – e a inspirada pesquisa sobre o humor e o turismo nas charges e outros textos da imprensa carioca da primeira metade do século XX, como a revista Careta).

Ademais, outras questões transversais são tratadas, como o papel da fotografia na formação e difusão de imagens do patrimônio histórico e a importância da “plasticidade cênica” no marketing de destinos. Com particularidade, apresentam-se também conexões entre turismo e patrimônio presente em cidades históricas mineiras – como Ouro Preto, tombada ainda em 1937 no bojo das primeiras políticas públicas para a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional –, bem como a importância e o potencial dos usos da bicicleta para a regionalização do Turismo no Estado do Rio de Janeiro, que conta com o Programa Rio Estado da Bicicleta (PERB).

Os estilos e as abordagens teórico-metodológicas não seguem um padrão, conquanto as referências para o tratamento do turismo vêm de distintas áreas do conhecimento. Isso, apesar de gerar uma oscilação no ritmo da leitura, não implica em uma fragilidade do livro, especialmente porque se trata de um espaço em que cada autor se coloca da maneira mais confortável e ajustada às discussões produzidas.

Por conta disso, os textos variam de aproximações mais concretas, com abordagens descritivas de casos específicos (por exemplo, a análise dos Planos Nacionais de Turismo à luz do Código de Ética de Turismo da Organização Mundial do Turismo), a outras mais generalistas, como convite

a pesquisas aplicadas (como o já citado texto sobre plasticidade cênica, que emerge como chave de leitura para estudos sobre a imagem e o imaginário de destinos turísticos).

A segunda parte (“Relatos de Experiências”) traz cinco textos de intercambistas que participaram entre 2013 e 2014 do “Projeto de Cooperação entre o Brasil e Portugal na Área de Qualificação Profissional em Hospitalidade e Turismo”, organizado pelo Ministério do Turismo do Brasil, em que 50 estudantes brasileiros participaram de um programa de formação junto à Escola de Turismo de Setúbal (Portugal).

Os textos mesclam, em primeira pessoa, vivências de viagem e aprendizados acadêmicos, com maior ênfase para aquelas. Talvez isto seja sintoma do momento – o que, em certo sentido, pode estar na raiz da proposta do projeto encetado pelo MTur: quando as universidades são acessadas por estudantes com perfis socio-econômicos mais diversos, é de se imaginar que experiências internacionais representem algo de novo para uma parte deles e delas. Com efeito, o deslumbramento – sem nenhum sentido pejorativo! – dos e das estudantes da Unirio denota as belezas, as angústias e as perspectivas deste iniciar: a primeira viagem de avião, a primeira saída do país, o contato com outras culturas, sabores, sensações... são situações que, mesmo que por apenas dois meses, provocam reflexões e ancoram aprendizados em ambientes diferentes.

Um comportamento que ilustra essa escassez de oportunidades de intercâmbio para estudantes de turismo – expresso pelas vozes dos intercambistas-viajantes – é a incredulidade ao se verem contemplados por benefícios (viagem, passagens, hospedagem, etc) que, noutras áreas, seriam considerados quase corriqueiros. Expressões como “foi inacreditável de imediato”, “oportunidade única” ou “eu era só mais um na multidão” salpicam as páginas dos relatos, denunciando que, pelo menos para este grupo, tratava-se de uma janela de oportunidade extraordinária. Para um país que se pretende uma potência turística, intercâmbios internacionais deveriam estar na pauta de prioridades não apenas do MTur, mas das próprias universidades, agências de fomento, fundações e organizações privadas e, claro, dos próprios estudantes (afinal, poupar algum recurso para atividades complementares de formação – como viagens – parece ser hábito ainda pouco recorrente...).

Pelos relatos dos discentes da UNIRIO, a programação acadêmica não significou um universo de grandes novidades, à exceção de alguns tópicos, como “turismo seguro” ou o contato com estruturas de cozinha e hotelaria da escola. Isso, contudo, não deveria ser motivo para descredenciar a proposta, até porque, quando se trata de formação em turismo, a própria viagem e todas suas conexões e reflexões representam um grande laboratório de experimentos.

Assim, com as “viagens na viagem” (como relata um discente), também se pode agregar um amplo leque de observações e críticas sobre turismo contemporâneo, na condição tanto de turistas quanto de estudiosos do fenômeno. Assim, merecem destaque o ímpeto e a curiosidade destes estudantes por conhecerem países e destinos turísticos consolidados (em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Inglaterra e até Marrocos), não sem alguma restrição financeira e aparente receio decorrente de uma falta de prática de viagem. Claro que um programa de intercâmbio acadêmico não deve se justificar pelas viagens “extras” que ele oportuniza, mas não se pode negar a importância que as viagens desempenham para a formação em turismo. Quem sabe, diante desses resultados, novos programas (governamentais ou não) possam se desenrolar?

Este projeto editorial, liderado por mentes irrequietas e imbuídas de espírito colaborativo (como deveria ser com quaisquer grupos e projetos de pesquisa), indica que o Turismo da UNIRIO trilha um caminho auspicioso, fazendo jus e buscando espaço de representatividade na “Cidade Maravilhosa”. Não importa se são docentes experientes ou estudantes em processo de formação: atenderam a um convite para, a partir de suas perspectivas e tendo a UNIRIO como ponto de referência, partilhar vivências e considerações que, mais do que impressões pessoais, são estímulos para outros projetos. E parece que a porta está aberta...